OS "BRASILEIROS" DE TORNA-VIAGEM E AS RELAÇÕES PORTUGAL-BRASIL NA DÉCADA DE 1930 – ESTUDO DE CASO

Fernanda Paula Sousa Maia

Com fortes raízes na região Noroeste do continente português que, desde o século XVII, viu muita da sua população excedente cruzar o Atlântico em demanda do Brasil, seria, no entanto, apenas no século XIX que a emigração para o território americano registaria um volume quantitativo mais expressivo, factor responsável e determinante para o debate que a partir de então suscitou. Embora inserida numa era de migração de massas que afectou toda a Europa, a emigração portuguesa para a antiga colónia americana, agora nação independente, não deixaria de ser vista, pelo Estado, como um fenómeno isolado, expressão sintomática de uma vivência patológica da sociedade portuguesa, a que o sentimento de decadência nacional, prevalecente nos finais da centúria, viria a emprestar ainda maior consistência.

Na verdade, o fluxo emigratório para o Brasil, nunca deixou de ser uma realidade ambivalente, já que, como bem sublinhou Eduardo Lourenço, a emigração enquanto fenómeno complexo pôs, sobretudo, em causa a imagem de nós mesmos. Talvez assim se perceba melhor a tendência do discurso oficial para, pelo menos até à década de 1940, acentuar a noção de decadência na análise deste fenómeno. Entroncando, mais uma vez, na carga cultural decadentista que tão bem nos caracterizou, este discurso voltaria ostensivamente as costas à perspectiva do actor-protagonista desta aventura – o emigrante. Dele ficaria a imagem do pobre, rústico e analfabeto que, na sua ignorância, se tornou uma presa fácil e desprevenida nas mãos de engajadores sem escrúpulos, visão afinal tão contrastante com o sucesso daqueles que, uma vez regressados, não deixaram de criar oportunidades para ostentarem a sua riqueza.

Esta matriz discursiva sobrepôs-se à própria realidade que, especialmente a nível local, oferecia vários exemplos de emigrantes de sucesso que regressavam enriquecidos. Na verdade, hoje sabemos que muitos destes homens que partiram para o Brasil não o fizeram definitivamente. O retorno puro e simples ou, ainda, a reemigração, ou seja, o retorno temporário, gerando um movimento pendular de emigrantes, cadenciado pelo ritmo dos negócios, dos afazeres, das festividades locais ou apenas para tratar de questões particulares (descansar, marcar presença em casamentos, baptizados e solenidades públicas ou privadas), assumiram uma inegável importância e até algum significado estatístico, como o pro-

vou, para a região do Porto, Jorge Fernandes Alves[1], que estimou o retorno da emigração oitocentista para o Brasil, entre 30 a 50% dos que partiram. Aliás, qualquer leitura, mesmo desatenta, da imprensa periódica portuguesa de finais de Oitocentos e de toda a primeira metade do século XX ajuda-nos a confirmar este fenómeno ritmado de partidas e chegadas dos emigrantes de sucesso às suas terras de origem, registadas em pequenas notícias nas quais o(s) redactor(es) saudava(m) a chegada e dava(m) as boas vindas, fazia(m) votos de boa viagem de regresso ou, simplesmente, desejava(m) melhoras de saúde. Eles eram, localmente, os exemplos mais acabados de sucesso de homens que, partindo como iguais, por si próprios tinham conseguido vencer e, por isso, despertavam em seu torno o interesse público, e até a inveja, que a imprensa escrita local, consoante os interesses em presença, aproveitava para mediatizar.

Estes ressentimentos e invejas ajudam a explicar o aparecimento, na literatura de finais do século XIX, de um novo personagem, o *brasileiro* de torna-viagem fixado, quase sempre, com traços estereotipados que acentuavam o exotismo da sua linguagem e do seu vestuário, a ostentação de adereços e dos sinais exteriores de riqueza, associados, geralmente, a um perfil psicológico pouco abonatório, em que a imodéstia, a falta de cultura e de educação, decorrentes de um arrivismo endinheirado, eram a tónica.

E, embora, o Estado Novo tenha tentado reverter esta imagem do emigrante português no Brasil, veiculando uma versão mais positiva, destinada a protegê-lo e a acarinhá-lo, mas também a torná-lo objecto de propaganda do regime[2], o que é facto é que também do lado brasileiro, por esta altura, a imagem do emigrante português não era mais abonatória. Na verdade, por um lado, o recrudescimento dos sentimentos nacionalistas brasileiros surgidos na sequência da implantação da República neste país sul-americano, em 15 de Novembro de 1889, e, por outro, as dificuldades sentidas no relacionamento entre o Brasil e Portugal após este período, que levaram mesmo à interrupção das relações diplomáticas ocorridas entre 13 de Maio de 1894 e 16 de Março de 1895[3], provocou um aumento significativo das reacções antiportuguesas. Esta lusofobia é bem visível na célebre caricatura da autoria de Raul Pompeia, surgida em 1893, e intitulada *Brasil entre dous ladrões*, na qual o português é representado a partir da visão estereotipada do *portuga*, um homem pequeno, gordo e novo-rico, de sandálias de trabalho, vestes aparatosas e chapéu grande[4], incorporando uma visão predominante, especialmente no seio do movimento nacionalista brasileiro.

---

1 ALVES, s.d: 353.

2 PAULO, 2000: 25; 53; 85.

3 A 6 de Setembro de 1893, elementos da marinha brasileira, comandados por Saldanha da Gama, manifestaram a sua oposição monárquica ao regime republicano brasileiro. Tendo, no entanto, sido derrotados, o comandante e mais 500 dos seus homens refugiaram-se a bordo de dois barcos de guerra portugueses ancorados na Baía da Guanabara, comandados pelo Almirante Augusto de Castilho, que os transportaram a Buenos Aires. Esta decisão provocou profunda indignação no governo e povo brasileiro.

4 VIEIRA, 1991: 127.

Nem mesmo os argumentos dos defensores brasileiros das vantagens da aproximação luso-brasileira, como é o caso de intelectuais como Sílvio Romero[5], foram suficientes para apagar esta visão crítica de Portugal e dos portugueses no Brasil. Por outro lado, o crescente fluxo de emigrantes portugueses desembarcados nos portos brasileiros, caracterizado predominantemente, aos olhos da época, por homens pobres e incultos, como, em 1902, escrevia o escritor e jornalista português, Alberto d'Oliveira, não ajudava a melhorar esta imagem "da vida e da sociedade portuguesa"[6].

Mal entendido pela grande maioria dos intelectuais da sua época, o emigrante português no Brasil – 'brasileiro' em Portugal e 'portuga' no Brasil – foi, no entanto, sem o saber, uma das figuras mais importantes para a dinamização económica, social, política, cultural e educativa das suas terras de origem, como temos vindo a defender nos estudos que já publicámos sobre estas questões[7]. Numa altura em que os detractores da emigração não apresentavam qualquer plano alternativo de modernização da economia, como seria, por exemplo, a opção pelo desenvolvimento de uma via industrializadora no país, e se ficavam por argumentos conservadores, como as propostas de diminuição dos impostos que recaíam na agricultura, o desvio estatal do fluxo migratório para o Alentejo ou para as colónias africanas[8], as remessas dos emigrantes inundavam a economia portuguesa que delas, pouco a pouco, se ia tornando dependente.

Foram poucos os contemporâneos deste fenómeno que entenderam o papel virtuoso da emigração para o Brasil no contexto da dinamização da economia e da sociedade portuguesas. Dentre os que o fizeram, permitimo-nos destacar Eça de Queirós que, no âmbito do exercício do múnus diplomático, assumiu também, sem rodeios, uma defesa clara da emigração, chegando a considerá-la textualmente "como força civilisadora"[9]. Num manuscrito que, apenas em 1979, pelas mãos de Raul Rêgo, viu a luz do dia[10], o diplomata reflecte sobre a emigração, fazendo o seu historial, perspectivando-a em contexto europeu, observando as suas causas, reflectindo sobre qual deveria ser o papel do Estado e terminando com uma análise sobre "as vantagens geraes que a emigração (…) tem dado à civilisação"[11] que merece ser levada em linha de conta.

Já, noutras ocasiões, tivemos oportunidade de sublinhar esta perspectiva benigna da emigração portuguesa para território brasileiro. Na verdade, entre

---

5 ROMERO, 1902.

6 OLIVEIRA, 1915: 202.

7 Veja-se, a título de exemplo: MAIA, Nov. 2005: 3-14; MAIA; COSTA, recuperado de http://www.museu-emigrantes. org/ seminario-comunicacao-f-maia.htm; MAIA; PEREIRA, 2000: 309-317.

8 Veja-se, para maior desenvolvimento, MAIA, 2002: 369-396.

9 QUEIROZ, 1979: 150.

10 Trata-se de um relatório que Eça escreveu enquanto cônsul, datado de Novembro de 1874, tendo-o entregue a Andrade Corvo, enquanto Ministro dos Negócios Estrangeiros, antes de partir para o seu posto em Newcastle.

11 Veja-se todo o capítulo IV: 83-95.

finais do século XIX e a eclosão da II Guerra Mundial, muitos destes *brasileiros* endinheirados, de regresso às suas terras de origem, configuraram o papel de verdadeiros agentes de investimento e de desenvolvimento de muitas localidades portuguesas, especialmente daquelas que geraram os maiores fluxos de partidas, como foi então o caso, de todo o Norte de Portugal. Tal como escreveu J. Costa Leite, acreditamos que, não apenas as consequências da emigração não foram perfeitamente percebidas pelos contemporâneos, como sobretudo o impacto da emigração na sociedade portuguesa está, ainda hoje, longe de ter sido avaliado adequadamente[12].

Todos, porém, reconhecemos hoje, a importância destes *brasileiros* na dinamização do processo industrializador em Portugal, responsáveis pelo investimento em novas áreas produtivas, como por exemplo o café, contribuindo para a difusão do seu consumo entre nós (lembremo-nos apenas da importância de marcas como "A Brasileira"). Outros investiram os seus capitais em indústrias tradicionais, ampliando unidades já existentes ou criando-as de origem. Outros ainda, mantendo os negócios no Brasil, continuaram a investir na agricultura e no comércio, ostentando o seu sucesso na (re)construção da sua quinta, ou da habitação urbana que, entretanto, haviam comprado[13]. Nestes casos, estes edifícios procuravam ser o reflexo do sucesso financeiro do seu proprietário, destacando-se dos envolventes pela qualidade dos materiais de que era construído, pelas suas dimensões, pelo ajardinamento das áreas exteriores e pelo maior conforto oferecido. Tudo isto já conhecíamos, bem como a vertente filantrópica e beneficente destes homens que ostentavam o êxito financeiro do seu regresso dourado, ora oferecendo dinheiro para as esmolas dos pobres, para a assistência à infância desvalida, para as festividades locais, para as obras da igreja, para a construção do hospital ou de equipamentos culturais, como as salas de espectáculo e as escolas da terra que os viu partir. Apesar de não estar ainda inventariado todo o património construído no Norte do país que a eles se deve, nem ter sido feita uma avaliação aproximada do seu contributo para o desenvolvimento local e regional, o padrão de investimentos é já bem conhecido dos investigadores e, neste momento, não parece surpreender ninguém.

O que hoje pretendemos sublinhar, a partir de uma abordagem biográfica que configura um estudo de caso não permitindo fazer, por enquanto, generalizações, é o papel do emigrante português no Brasil, o conhecido 'brasileiro', enquanto protagonista e agente do processo de desenvolvimento das relações Portugal-Brasil. Ou seja, pretendemos abrir uma nova dimensão da actuação destes 'brasileiros' numa área até aqui reservada a outros protagonistas, geralmente o Estado e os diplomatas. Na verdade, o exemplo que trazemos aqui evidencia o caso de um emigrante que soube olhar para as suas duas pátrias – a de acolhimento e a de naturalidade – como uma só, procurando estabelecer pontes

12 LEITE, 1994: 21-22.

13 Veja-se a este propósito, por exemplo, MAIA; PEREIRA, 2000: 309-317.

e reforçar os elos de ligação, de forma a melhorar o entendimento mútuo, numa época em que passava mais de um século sobre a independência do Brasil.

Alexandre Herculano da Câmara Rodrigues[14] foi, como muitos outros homens e mulheres do seu tempo, um emigrante que ainda jovem parte de Lamego com destino ao Brasil, procurando cumprir o sonho de sucesso e enriquecimento. No entanto, desde o início este não nos pareceu ser um emigrante igual aos outros. A partir da leitura dos periódicos de Lamego existentes na Biblioteca Pública Municipal do Porto, apercebemo-nos, desde cedo, que ele se inclui na galeria de privilegiados locais. O semanário *A Fraternidade*, por exemplo, refere-se-lhe, sempre, em termos particularmente lisonjeiros, classificando-o de multimilionário, ou destacando-lhe o "valor moral e intelectual", aspectos que tanto "tem marcado não só no nosso meio como na grande capital do Brazil". Publicita também a dimensão da sua riqueza, para o que transcreve artigos da imprensa brasileira onde, por exemplo, se anuncia a recente aquisição de duas fazendas[15]. Na verdade, não apenas pela dimensão das suas esmolas e ofertas que, quase sempre, excedem largamente as restantes, ocupando, geralmente, o seu nome o topo da lista de benfeitores das instituições lamecenses[16], como sobretudo pelo tipo de festas privadas para as quais era convidado, bem como pela distinção social da sua rede de amizades, somos obrigados a pensar que estamos perante um cidadão distinto económica, social e, até, culturalmente.

Alexandre Herculano Rodrigues, mesmo antes de partir com destino ao Brasil, pertencia já à nata da sociedade de Lamego. Nascido em Almacave, Lamego, a 2 de Janeiro de 1882[17], sobrinho do Dr. Manuel da Silva Quintela, professor e reitor do Liceu de Lamego, tornou-se a partir do início da década de 1920, no "grande benemérito da sua terra", como já então o classificava o jornal *A Fraternidade* no seu número de 10 de Março de 1923. Mas, foi a partir do momento em que se publicitou o facto de ter sido eleito presidente da Câmara Portuguesa do Comércio e Indústria do Rio de Janeiro que o emigrante Alexandre Rodrigues, agraciado também pelo governo português com a Comenda da Ordem de Cristo, passou regularmente a fazer parte do noticiário da imprensa local[18]. Com

---

14 AFFONSO, 1988: 3,474. O autor refere-o na medida em que é pai de D. Raquel de Carvalho Rodrigues, casada com o 10.º conde de Pombeiro.

15 *A FRATERNIDADE*, 23 de Junho de 1928: 1.

16 Em 1922, aparece pela primeira vez nas páginas dos jornais lamecenses como destacado "benfeitor da Sopa dos Pobres" (*A FRATERNIDADE*, 23 de Setembro de 1922: 2). Em 1927, o jornal republicano de Lamego *Éccos d'A Fraternidade*, regista, em 15 de Janeiro, a dádiva de Alexandre Herculano Rodrigues, de 5 contos, ao Asilo de Infância Desvalida (p.2); enquanto, no mesmo título, se pode ler em 19 de Fevereiro de 1927 que o comendador Alexandre Herculano Rodrigues estaria disposto a dotar Lamego de um Hotel Monumental (p.1). Por seu turno, o jornal *A Fraternidade*, de 9 de Novembro de 1929, anuncia que aquando da comemoração das Bodas de Prata do comendador, este teria mandado distribuir esmolas a 50 pobres (p.2). O jornal *Voz de Lamego*, de 21 de Janeiro de 1933, anuncia que o comendador Alexandre Herculano Rodrigues doou 5 contos para o Hospital e 2 contos para a Sopa dos Pobres (p.4).

17 Recuperado de http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=104394 (em 20 de Julho de 2008).

18 *A FRATERNIDADE*, 23 de Setembro de 1922: 2.

efeito, no número de 30 de Setembro de 1922, o semanário *A Fraternidade* transcreve do diário fluminense "Jornal do Comércio" de 29 de Agosto anterior, o artigo relativo à eleição deste "membro de destaque no alto comercio desta praça" para a presidência da referida Câmara de Comércio, sublinhando tratar-se de um cargo a "que, pela sua importância, só costuma ser guindado quem no grande meio comercial e industrial do Rio de Janeiro ocupa uma posição de notável destaque pela sua fortuna, pelo seu carácter, pela sua intelligencia e pelo seu espírito de iniciativa". Relatando, com algum pormenor, a primeira reunião por ele presidida, o articulista adianta que Alexandre Rodrigues "comunicou que o embaixador de Portugal vai convocar uma reunião com as associações portuguesas para tratar" da questão da visita do Presidente da República portuguesa António José de Almeida ao Brasil, por ocasião da comemoração dos 100 anos de independência deste país sul-americano, o que nos permite concluir sobre o tipo de sociabilidades que já então partilhava.

Esta distinção rapidamente se repercutiria em outras tantas dignidades recebidas na terra que o viu nascer. Efectivamente, em Fevereiro de 1924, é-lhe feita pela Santa Casa da Misericórdia "uma justa homenagem", sendo nomeado Irmão Benemérito, pelas avultadas quantias oferecidas[19]. Esta distinção haveria de colocar a Santa Casa da Misericórdia na rota das instituições beneficiárias da filantropia do Comendador. Assim, para além das diversas associações de ajuda à pobreza e dos Bombeiros Voluntários locais que o Comendador auxilia, em 14 de Abril de 1923, *A Fraternidade* anuncia a sua oferta de dois mil e quinhentos escudos à Santa Casa e, em 25 de Julho de 1925, o mesmo jornal publicita, na sua primeira página, a grandiosa oferta de oito mil escudos – uma elevada quantia para a época – que Alexandre Herculano Rodrigues faz à Santa Casa da Misericórdia de Lamego. Curiosamente, nesta mesma notícia, pode-se também ler que o Comendador doou, na mesma altura, dois mil escudos para se proceder a melhoramentos no Museu de Lamego, facto que denuncia já o seu requintado gosto e apurada sensibilidade cultural.

Mas a homenagem suprema com que a cidade de Lamego brindou o Comendador deve ter acontecido em 1926, quando, por altura das festas da Nossa Senhora dos Remédios, o seu retrato a óleo, da autoria do artista portuense João Augusto Ribeiro, foi solenemente inaugurado e, posteriormente, exposto na galeria dos benfeitores da Irmandade com o mesmo nome[20]. Figurava, enfim, na galeria dos notáveis locais.

Ao longo dos anos em que o acompanhamos nas páginas dos jornais, este

---

19 *A FRATERNIDADE*, 23 de Fevereiro de 1924: 2. As doações de Alexandre Herculano Rodrigues à Santa Casa aconteciam com regularidade. Para além das referidas correspondentes aos anos de 1923 e 1925, sabemos ainda que o comendador doou 4 mil escudos, em Abril de 1926, destinados, segundo o semanário, a melhorar o arsenal cirúrgico do seu hospital (*A FRATERNIDADE*, 10 de Abril de 1926: 1); e em Janeiro de 1933, quando entrega cinco contos (*A FRATERNIDADE*, 14 de Janeiro de 1933: 1).

20 *A FRATERNIDADE*, 14 de Agosto de 1926: 1.

capitalista, emigrante no Rio de Janeiro, apresenta um típico movimento pendular de viagens entre o Rio de Janeiro e Lamego, cidade onde passa largas temporadas e a partir de onde visita regularmente a Europa[21]. Na verdade, é possível verificar que, com excepção do período em que decorre a II Guerra Mundial, o comendador Alexandre Herculano Rodrigues quase sempre optou por estar alguns meses em Portugal, na sua casa construída em Lamego, o que acontecia geralmente entre Janeiro e Abril, altura em que partia de novo para o Brasil, regressando aos seus negócios.

Até à compra da Quinta da Biquinha, posta à venda em Setembro de 1925[22], e que ele transformará na sua "rica vivenda", por todos conhecida como Palacete da Vista Alegre, o Comendador instalava-se com a família em casa de seu tio, Manuel da Silva Quintela. Assim aconteceu em 1925[23], em 1926[24] e 1927, altura em que o encontramos a proceder a obras na propriedade recém-adquirida – a Quinta da Biquinha[25]. Dois anos depois, em Janeiro de 1929, aquando da comemoração do seu aniversário natalício (ocorrido a 2 de Janeiro), é preparada uma festa surpresa na sua "rica vivenda", designada já de palacete da Vista Alegre. Entre os amigos que homenageiam este grande benemérito lamecense, encontramos Eugénio do Vale Teixeira, um dos sócios-gerentes das Caves Raposeira, então, uma das mais importantes casas comerciais de Lamego. O jornal *A Fraternidade* dará a este acontecimento um grande destaque, tendo colocando inclusivamente uma fotografia do homenageado na primeira página, o que não era habitual dado o encarecimento final do semanário[26].

Alexandre Herculano tinha então pouco mais de 40 anos. Tendo saído de Lamego, muito jovem, para o Brasil, tinha lá prosperado e feito grande fortuna que, segundo *A Fraternidade*, de 27 de Outubro de 1928, continuava a aumentar, "apesar do muito que dá e das muitas lágrimas que enxuga". Era o exemplo do sucesso, no exterior e na sua terra natal, o que justifica todos os elogios que, então, o semanário lhe faz. Mas este sentimento não deveria ser unânime. Na verdade, nesse mesmo número, sem levantar o véu sobre o teor das questões, o redactor protesta junto dos leitores, pelo facto de uns "agravos que umas creaturas, filhos de Lamego e se dizem amantes da sua terra, acabam de fazer-lhe".

No ano de 1929, o Comendador partiu para o Rio de Janeiro um pouco mais cedo do que o habitual, a 6 de Fevereiro. Provavelmente, na base deste regresso antecipado deve ter estado a comemoração das bodas de prata do seu casa-

---

21 O comendador era um homem viajado e cosmopolita. O jornal *A Fraternidade* anuncia várias viagens à Europa: a primeira em Março de 1924 (22 de Março de 1924: 2), em Junho de 1931 partiu em viagem de recreio com a mulher (6 de Junho de 1931: 3) e em 1935, partiu para a França e Suíça (13 de Abril de 1935: 3). Finalmente, em Abril de 1939, em vésperas de estalar a II Guerra Mundial, partiu para a Alemanha (BEIRA-DOURO, 22 de Julho de 1939: 2).

22 *A FRATERNIDADE*, 26 de Setembro de 1925: 2.

23 *A FRATERNIDADE*, 19 de Setembro de 1925: 1.

24 *A FRATERNIDADE*, 13 de Março de 1926: 1.

25 *ÉCCOS d'A Fraternidade*, 29 Jan. 1927: 1.

26 *A FRATERNIDADE*, 12 de Janeiro de 1929: 1.

mento com D. Marieta de Carvalho Rodrigues, que seria celebrado no dia 15 de Outubro desse mesmo ano, na igreja de Nossa Senhora dos Remédios, em Lamego, o que o obrigou também a vir mais cedo do que habitualmente[27].

Era, em regra, na Primavera que o destacado proprietário e comerciante do Rio de Janeiro fazia a sua viagem de regresso aos negócios, geralmente acompanhado pela família. Assim aconteceu no ano de 1928[28], 1931[29], 1932[30], 1933[31], 1934[32], 1935[33], no de 1936[34] (ano em que a sua mulher veio para Portugal um pouco mais cedo do que ele, no mês de Setembro[35], indiciando alguma perturbação neste ritmo que se teria ficado a dever, com grande probabilidade, ao ambiente de tensão política e militar que se vivia, nesta altura, na Europa) e mantém-se, ainda, no ano de 1937[36].

O ano de 1938 anuncia uma clara mudança de hábitos, presumivelmente fruto da instabilidade então vivida. Com efeito, o comendador Alexandre Herculano Rodrigues chega a Portugal em Abril desse ano[37] partindo em Novembro, altura em que visita a redacção do jornal *Beira-Douro* apresentando cumprimentos de despedida[38]. Este novo ritmo de chegada a Lamego, em Abril[39], e regresso, ao Rio de Janeiro, em finais de Setembro[40] repete-se em 1939, ano em que o Comendador, antes de se instalar definitivamente em Lamego, parte em viagem para a Alemanha, juntamente com a sua mulher e filho, já então um distinto advogado da praça brasileira[41]. Esta viagem à Alemanha, objecto de particular admiração por parte dos redactores do jornal *Beira-Douro* que chegam a tecer o seguinte comentário: "É digno da maior admiração e coragem (…) em empreender, no momento actual [guerra], uma viagem de tão longo

27 *A FRATERNIDADE*, 9 de Novembro de 1929: 2. Menos de dois meses depois, o comendador e a sua mulher estavam, de novo, em Lamego, talvez para comemorarem o primeiro aniversário da sua neta Maria Teresa Rodrigues Castelo Branco (*A FRATERNIDADE*, 11 de Janeiro de 1930: 2).

28 *A FRATERNIDADE*, de 23 de Junho de 1928: 1.

29 *A FRATERNIDADE*, de 6 de Junho de 1931: 3. O jornal anuncia que o comendador partiu em viagem de recreio com a sua mulher.

30 *VOZ de Lamego*, 16 de Abril: 4. Está em Lamego desde Janeiro desse ano.

31 O jornal refere que o comendador vai ao Rio de Janeiro por pouco tempo (*A FRATERNIDADE*, 17 de Junho de 1933: 1).

32 *A FRATERNIDADE*, 24 de Fevereiro de 1934: 1. O jornal anuncia a sua partida para o dia 6 de Março, desejando-lhe boa viagem. Em Junho desse mesmo ano, o mesmo semanário anunciava o regresso do Rio de Janeiro do comendador e da sua cunhada e irmão, que vinha convalescer nos "bons ares" (23 de Junho de 1934: 2). Embarca, de novo, para o Brasil a 2 de Setembro de 1934 (25 de Agosto de 1934: 1).

33 Embarca em Lisboa em finais de Maio ou inícios de Junho (*A FRATERNIDADE*, 1 de Junho de 1935: 1).

34 *BEIRA-DOURO*, 11 de Abril de 1936: 4.

35 *BEIRA-DOURO*, 5 de Setembro de 1936: 2.

36 *BEIRA-DOURO*, 24 de Abril de 1937: 2.

37 *BEIRA-DOURO*, 30 de Abril de 1938: 4.

38 *BEIRA-DOURO*, 12 de Novembro de 1938: 1.

39 *BEIRA-DOURO*, 8 de Abril de 1939: 1.

40 *BEIRA-DOURO*, 30 de Setembro de 1939: 1.

41 *BEIRA-DOURO*, 22 de Julho de 1939: 2.

curso, mas os importantes negócios a sua casa na capital do Brazil, assim o exigem"[42], justifica-se porque nesse país residia então a irmã de Alexandre Herculano Rodrigues, casada com o barão de Schabingen von Shorwingen, de quem tinha um filho – o Dr. Karl Schorwingen – e que já antes se haviam hospedado na Quinta da Vista Alegre, como, por exemplo, aconteceu na Primavera de 1936, tendo chegado a participar em actos públicos[43].

O ano de 1940, marcado pela realização da Exposição do Mundo Português, que assinalou a comemoração do duplo centenário da independência (1140) e da restauração (1640), retê-lo-ia mais tempo entre nós[44], evidenciando a vertente que hoje queremos destacar, ou seja, a de promotor e patrocinador das relações Portugal-Brasil.

A ligação do Comendador à intelectualidade do seu tempo, já nos havia sido anunciada nas páginas dos jornais de Lamego. Em 28 de Setembro de 1928, por exemplo, o semanário *A Fraternidade*, ao evocar em termos elogiosos a figura do comendador, destaca-lhe esta faceta, ao sublinhar ter ele contribuído para o repatriamento, para Portugal, dos restos mortais do mais famoso dos compositores portugueses, Marcos Portugal, que havia falecido no Rio de Janeiro, em 1830.

Pouco tempo depois, o mesmo semanário, de 28 de Junho de 1930, publicita a passagem de "visitantes ilustres" pela cidade que, durante todo o anterior fim-de-semana, se haviam hospedado no palacete do comendador Alexandre Herculano de Carvalho. Trata-se, segundo este jornal, de uma visita habitual de um grupo de professores de Engenharia do Porto que tiveram, também, a oportunidade de visitar as Caves Raposeira, onde foram recebidos, e de, na noite de sábado, ocuparem dois camarotes oferecidos pelo Teatro Ribeiro Conceição, tendo assistido à sessão de cinema. Entre esses ilustres visitantes estavam nomes como o do professor jubilado General Vitorino Laranjeira e Bento Carqueja.

Por seu turno, o leque de conhecimentos e amizades do Comendador e da sua família ultrapassava os limites de Lamego. Por um lado, porque o Comendador casara, pelo menos uma das suas filhas, no seio de uma das mais distintas famílias de então – os condes de Pombeiro[45]. Por outro, porque percebemos

---

42 *BEIRA-DOURO*, 30 de Setembro: 1.

43 *VOZ de Lamego*, 11 de Abril de 1936: 2. A irmã e o sobrinho estarão presentes na tomada de posse do novo provedor da Santa Casa da Misericórdia, José Teixeira Rebelo Júnior tendo mesmo assinado o auto de posse (*VOZ de Lamego*, 18 de Abril de 1936: 4).

44 Em inícios de Março vai apresentar cumprimentos à redacção do jornal *Beira-Douro* (9 de Março de 1940: 4) e regressa ao Brasil em finais de Setembro do mesmo ano (*BEIRA-DOURO*, 21 de Setembro de 1940: 2).

45 Em Novembro de 1930, ainda na ausência do comendador no Rio de Janeiro, a sua filha e genro, António de Castelo Branco, conde de Pombeiro, vão instalar-se na Quinta da Vista Alegre, provavelmente para aí aguardarem o nascimento da sua filha, que ocorreria em finais de Janeiro de 1931 (*A FRATERNIDADE*, 1 de Novembro de 1930: 2; 31 de Janeiro de 1931: 2). O comendador regressou, a Lamego, em meados de Janeiro de 1931 (17 de Janeiro de 1931: 2), tendo sido o baptizado da menina Maria Cristina realizado na Sé, no dia 21 de Março (28 de Março de 1931: 2). Recuperado do sítio electrónico http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=21043 (on-line 18

que, no regresso do Rio de Janeiro, habitualmente feito por Lisboa, a família se detinha alguns dias pela capital onde era recebida por pessoas amigas "do meio financeiro e elegante"[46]. O semanário, transcrevendo um outro jornal brasileiro, informa que, também nesse país, o Comendador era apresentado como um homem cosmopolita, culto e viajado, falando várias línguas[47].

O cosmopolitismo do comendador Rodrigues ver-se-á, no entanto, em toda a sua plenitude, a propósito do registo de outro acontecimento importante que teve Lamego por epicentro. Em 2 Janeiro de 1937, anunciava o semanário *Beira-Douro*, a chegada a Lamego, para se hospedar em casa de seu amigo o comendador Alexandre Herculano Rodrigues, do intelectual brasileiro e médico reputado, Afrânio Peixoto. Esta amizade seria sempre ressaltada nas páginas dos jornais de Lamego. Com efeito, quando o semanário *Beira-Douro*, de 8 de Abril de 1939, anuncia em primeira página a publicação da obra "Viagens na Minha Terra" da autoria de Afrânio Peixoto, não deixa de sublinhar também os termos elogiosos com que o autor se refere a Lamego, bem como ao bom tempo passado por ele nas suas quintas, nomeadamente na Quinta da Vista Alegre "onde mora a doce Amizade, que não distingue Portugal do Brasil"[48], numa clara referência à sua ligação pessoal ao comendador Alexandre Herculano Rodrigues e à sua acção em prol das relações entre os dois países.

Durante a estada do ilustre visitante brasileiro em Portugal, no ano de 1937, e sempre com destaque de primeira página, o referido jornal ia dando mais pormenores: Afrânio Peixoto teria chegado a Portugal no vapor Alcântara, enquanto amigo do Comendador, instalara-se em Lamego e era hóspede do proprietário da Quinta de Vista Alegre. Aproveitava para lhe traçar um elogioso perfil biográfico, destacando-o como académico, a quem, juntamente com outros intelectuais, se ficara a dever a criação da cátedra de Estudos Camonianos em Lisboa, sendo também um reputado médico legista e grande vulto da cultura brasileira[49].

Em meados de Janeiro desse ano, Afrânio Peixoto proferia uma conferência no Liceu Latino Coelho, a que deu o título "Portugal na História" e que seria publicada ainda nesse mesmo ano[50]. Trata-se de um texto bem ao gosto

---

de Julho de 2008) pode ler-se que D. António Maria de Castelo-Branco de Vasconcelos e Sousa (10.º conde de Pombeiro), nascido em Lisboa, a 21 de Junho de 1903, casou com Raquel de Carvalho Rodrigues, em Lisboa, a 7 de Janeiro de 1928. Deste casamento nasceriam duas filhas, a 6 de Janeiro de 1929, Maria Teresa e a 25 de Janeiro de 1931, Maria Cristina, a que os jornais fazem referência.

46 *A FRATERNIDADE*, 31 de Dezembro de 1932. Chegaram no grande paquete Atlantique.

47 *A FRATERNIDADE*, 7 de Julho de 1934. O título do jornal era "Folha Nova", tratava da vida do comendador, elogiava-lhe a dignidade de carácter, apresentava-o como um proprietário de Iguassú e incluía uma fotografia.

48 PEIXOTO, 1938: 146.

49 *BEIRA-DOURO*, 9 de Janeiro de 1937: 1. A sua actividade em favor dos estudos sobre o poeta d'*Os Lusíadas* não se fica por aqui. Na verdade, a ele se ficou também a dever a autoria de vasta bibliografia sobre Luís de Camões (v.g. PEIXOTO, [1927]; PEIXOTO, 1928; PEIXOTO, [192-]; PEIXOTO, 1924; PEIXOTO, 1932; PEIXOTO, 1926; PEIXOTO, 1924).

50 *BEIRA-DOURO*, 16 de Janeiro de 1937: p.1. Na verdade, o texto desta conferência seria publicado sob um outro título: PEIXOTO, 1937.

do regime de Salazar, na medida em que dele emerge como que uma linha de continuidade entre a grandeza do passado, do presente e do futuro de Portugal. Sendo dita por quem no seu currículo, entre muitas outras distinções e títulos honoríficos, figurava o cargo de reitor da Universidade do Rio de Janeiro, de Professor da Faculdade de Medicina e de Direito, tendo sido também presidente da Academia Brasileira de Letras, ganhava outra legitimidade, sempre bem-vinda. Nas duas semanas seguintes, o teor desta conferência teria, ainda, destaque de primeira página no semanário *Beira-Douro*, prolongando-se o interesse sobre este tema nas páginas interiores deste jornal[51]. Até ao regresso de Afrânio Peixoto ao Rio de Janeiro, anunciado no número de 20 de Fevereiro de 1937, o jornal sempre dará notícia sobre este intelectual e a sua obra, bem como as visitas que entretanto empreendeu à região, tendo sempre como anfitrião o comendador Alexandre Herculano Rodrigues.

No ano de 1938, o comendador Rodrigues receberia na sua casa de Lamego, como hóspede, outro vulto intelectual e político brasileiro. Nada mais, nada menos, do que Washington Luís que o semanário *Beira-Douro*, de 12 de Novembro de 1938, classificaria como uma "ilustre figura política e literária do mais absoluto relevo no Brasil, onde já exerceu a Suprema magistratura de Presidente da República".

Seria, no entanto, no ano da realização da Exposição do Mundo Português, aberta ao público entre 23 de Junho e encerrada a 2 de Dezembro de 1940[52] que emergiria toda a sua acção de defensor e agente do estreitamento das relações Portugal-Brasil. Logo a 23 de Março de 1940, o semanário *Beira-Douro* anuncia que chegaram a Lamego, vindos de Lisboa, para visitar o comendador Alexandre Herculano Rodrigues alguns "visitantes ilustres", dentre os quais o jornal destaca o Dr. Araújo Jorge, embaixador do Brasil em Portugal, Octávio de Brito, cônsul do Brasil no Porto e Augusto Lima Jr., representante geral do Brasil junto da Exposição do Mundo Português em Lisboa.

A presença do homem de letras e historiador, Artur Guimarães de Araújo Jorge, diplomata que, então, representava o Brasil em Portugal, como hóspede do Comendador em Lamego é apenas um sinal do importante papel que este português desempenhou no estreitamento das relações entre Portugal e o Brasil. Este seu comportamento enquadra-se, aliás, num movimento mais vasto que teve início na década de 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas à presidência do Brasil, e em que a maior aproximação entre o Brasil e Portugal passou a ser uma das linhas estruturantes da diplomacia cultural dos dois governos. Assim, por exemplo, logo em 1934, os dois países haviam criado o Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura que tinha como um dos objectivos principais promover o intercâmbio entre os intelectuais dos dois lados do oceano, estimulando missões, cursos e conferências.

---

51 *BEIRA-DOURO*, 23 de Janeiro de 1937: 1-2; 30 de Janeiro de 1937: 1-2.

52 BARROS, 1996: 326.

A Exposição do Mundo Português era uma espécie de momento alto deste relacionamento, o que justificou, também, esta maior actividade de Alexandre Herculano Rodrigues como anfitrião, tanto mais que na sua casa seria também hospedado o embaixador do Brasil e Londres, Dr. Regis de Oliveira, bem como a sua esposa e filha, como relata o semanário *Beira-Douro* de 10 de Agosto de 1940. Por fim, em finais de Setembro desse mesmo ano, nas vésperas de Alexandre Rodrigues regressar aos seus negócios no Rio de Janeiro, recebe, ainda no seu Palacete da Vista Alegre, em Lamego, outras "altas individualidades brasileiras". Desta feita, para além do cônsul do Brasil no Porto e, de novo, do embaixador do Brasil em Lisboa e respectiva família, hospedaram-se em Lamego o escritor Eugénio de Castro, da Armada Brasileira, delegado do Brasil ao Congresso Luso-Brasileiro que decorreu durante o evento da Exposição, bem como o delegado do Departamento Nacional do Café do Brasil e o engenheiro-arquitecto do Pavilhão do Brasil na Exposição de 1940[53].

Era o contributo do comendador Alexandre Herculano Rodrigues, enquanto emigrante no Rio de Janeiro, para "o abraço de Portugal e do Brasil" que então parecia ser, pela primeira vez, mais evidente[54]. Incorporando a ideologia prevalecente nesta época, que insistia em que "só o conhecimento mútuo" desfaria o equívoco luso-brasileiro[55], assumiu o papel de preservador deste ideal que acentuava a lógica da comunidade entre dois países, respaldada numa produção académica e numa dinâmica específica da própria comunidade emigrante portuguesa[56]. Menos de dois anos depois, no dia 7 de Junho de 1942, falecia no Rio de Janeiro, com apenas 60 anos[57]. Terminava, assim, a vida de um "brasileiro" que havia dedicado uma boa parte dela e da sua riqueza ao estreitamento dos laços entre dois países que teimavam em viver de costas voltadas.

IMPRENSA PERIÓDICA DE LAMEGO

A TRIBUNA, Lamego, 22 Mar.1914-4 Nov.1917.
A FRATERNIDADE, Lamego, 3 Dez.1910-Jun.1935.
ÉCCOS d'A Fraternidade, Lamego, 6 Jan.1927-5 Mar.1927.
VOZ de Lamego, Lamego, 1 Nov. 1930-[12Ago.1933] 1936.
BEIRA-DOURO, Lamego, 20 Jul.1935-30 Nov. 1940.

53 *BEIRA-DOURO*, 21 de Setembro de 1940: 2.
54 *BEIRA-DOURO*, 3 de Agosto de 1940: 1.
55 PEIXOTO, 1938: 10.
56 PAULO, 2000: 239.
57 Recuperado de http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=104394 (em 20 de Julho de 2008).

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Jorge Fernandes, 1994 – *Os Brasileiros: emigração e retorno no Portugal oitocentista*. Porto: [s.n.].

AFFONSO, Domingos de Araújo *et al*., 1988 – *Livro de Oiro da Nobreza: apostilas à resenha das famílias titulares do reino de Portugal…* Lisboa: J. A Telles da Sylva. 3 v.

BARROS, Júlia Leitão de, 1996 – "Exposição do Mundo Português", in ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de – *Dicionário de História do Estado Novo*. [S.l.]: Círculo de Leitores, p. 325-327.

LEITE, Joaquim da Costa, 1994 – *Portugal and emigration, 1855-1914*. New York: Columbia University.

MAIA, Fernanda Paula Sousa; PEREIRA, Maria da Conceição Meireles, 2000 – "Os Brasileiros empresários e investidores", in PORTUGAL, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. *Os Brasileiros de Torna-Viagem – Lisboa*: CNCDP. p. 309-317.

MAIA, Fernanda Paula Sousa, 2002 – *O Discurso Parlamentar Português e as Relações Portugal-Brasil: a Câmara dos Deputados: 1826-1852*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

MAIA, Fernanda Paula Sousa, Nov. 2005 – "A acção dos 'Brasileiros' de torna-viagem em Ovar: a obra dos irmãos Oliveira Lopes (Válega)"**.** *Dunas: Temas & Perspectivas*. *Revista Anual Sobre Cultura e Património da Região de Ovar*. Ovar: Câmara Municipal de Ovar, V. 5, p. 3-14.

MAIA, Fernanda Paula Sousa; MONTEIRO, Isilda Braga da Costa – *Os 'brasileiros' de torna-viagem como agentes culturais: o caso de Lamego na primeira metade do século XX*. Recuperado de http://www.museu-emigrantes. org/ seminario-comunicacao-f-maia.htm (Julho de 2008).

OLIVEIRA, Alberto d', 1915 – "Os Portuguezes no Brazil!". *Atlântida*. I, 3, p. 202.

PAULO, Heloisa, 2000 – *"Aqui também é Portugal": a colónia portuguesa do Brasil e o Salazarismo*. Coimbra: Quarteto Ed.

PEIXOTO, Afrânio, [192-] – *Camões médico ou a medicina dos "Lusíadas" e do "Parnaso"*. 2.ª ed. Lisboa: Aillaud & Bertrand.

PEIXOTO, Afrânio, 1924a – *A camonologia ou os estudos camonianos: iniciativa da creação de uma cadeira de Camões na Universidade de Lisboa*. Rio de Janeiro: Sociedade de Estudos Camonianos; Livraria Francisco Alves.

PEIXOTO, Afrânio, 1924b – *Dicionário dos Lusíadas de Luís de Camões…* Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves.

PEIXOTO, Afrânio, 1926 – *Leituras Camonianas…* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

PEIXOTO, Afrânio, [1927] – *Camões e o Brasil*. Paris; Lisboa: Aillaud; Bertrand.

PEIXOTO, Afrânio, 1928 – *Camões humorista*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

PEIXOTO, Afrânio, 1932 – *Ensaios Camonianos*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

PEIXOTO, Afrânio, 1937 – *Dom Portugal: Lição Inaugural do Liceu Latino Coelho, de Lamego*. Lamego: Caixa Geral do Liceu Latino Coelho.

PEIXOTO, Afrânio, 1938a – *Viagens na Minha Terra*. *I*. *Portugal*. Porto: Lello & Irmão Ed.; Aillaud & Lellos.

PEIXOTO, Afrânio, 1938b – *O "Brasileiro" ou o Equívoco Português*. Lisboa: [s.n.].

QUEIROZ, Eça de, 1979 – *A Emigração como força civilizadora*. Lisboa: Perspectivas e Realidades.

ROMERO, Sílvio, 1902 – *O Elemento Portuguez no Brasil: conferencia*. Lisboa: Comp. Nac. Ed.

VIEIRA, Nelson H., 1991 – *Brasil e Portugal: a Imagem Recíproca: o Mito e a Realidade na Expressão Literária*. Lisboa: Ministério da Educação; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.